

**DEBATE  
IMPERIALISMO E  
GLOBALIZAÇÃO**

# GLOBALIZAÇÃO E IMPERIALISMO

OCTAVIO IANNI\*

Desde que se fala em globalização, logo se põe em causa o imperialismo. Um e outro se contrapõem, se complementam, dinamizam-se ou se atritam, conforme a dinâmica das relações, processos e estruturas que constituem o capitalismo como modo de produção mundial. Não se trata de imaginar que um nega ou anula o outro, mas de reconhecer que ambos se determinam reciprocamente. Entretanto, o globalismo subsume histórica e teoricamente o imperialismo. Trata-se de duas configurações históricas e teóricas distintas. Podem ser vistas como duas totalidades diferentes, sendo que uma é mais abrangente que a outra. O globalismo pode conter vários imperialismos, assim como diferentes regionalismos, muitos nacionalismos e uma infinidade de localismos. Trata-se de uma totalidade mais ampla e abrangente, tanto histórica como logicamente.

Note-se que cada imperialismo diz respeito a um todo histórico e lógico compreendido pela metrópole e as nações dependentes ou colônias. Tanto é assim que o imperialismo tem sido norte-americano, japonês, inglês, alemão, russo, holandês, belga, italiano ou outro. Trata-se de um conjunto articulado de nações, nacionalidades e tribos, sob o mando da nação que exerce um poder de tipo metropolitano. Sem esquecer que os imperialismos se conjugam e se opõem, além de que convivem e se sucedem. Podem estar mais ou menos ativos e agressivos ou decadentes e desativados.

Na medida em que se desenvolvem as forças produtivas e as relações de produção, acelerando a concentração e a centralização do capital em escala mundial, logo se forma uma configuração mais abrangente. As empresas, corporações e conglomerados transnacionais extrapolam as fronteiras preestabelecidas e movimentam-se pelos continentes, ilhas e arquipélagos. Aos poucos, as relações, os processos e as estruturas características do

\* Professor titular do IFCH, Unicamp.

globalismo recobrem, impregnam, modificam ou recriam os nexos de cunho imperialista; mas em outros níveis, com outra dinâmica. Acontece que a reprodução ampliada do capital adquire novos dinamismos no âmbito do capitalismo global. Neste ambiente, as forças produtivas e as relações de produção adquirem outras possibilidades de desenvolvimento intensivo e extensivo. A nova divisão transnacional do trabalho e da produção provoca todo um rearranjo das fronteiras, recobrando ou atravessando as mais diversas formas de organização social do trabalho e produção tribais, locais, nacionais e regionais.

O globalismo pode ser visto como uma configuração histórica, uma totalidade complexa, contraditória, problemática e aberta. Trata-se de uma totalidade heterogênea, simultaneamente integrada e fragmentária. Parece uma nebulosa, ou uma constelação, mas revela-se uma formação histórica de amplas proporções, atravessada por movimentos surpreendentes; de tal modo que desafia as categorias e as interpretações que pareciam consolidadas.

É no âmbito do globalismo que se desenvolvem não só o imperialismo, mas o nacionalismo e o regionalismo. Mais que isso, é no âmbito do globalismo que se movem os indivíduos e as coletividades, as nações e as nacionalidades, os grupos sociais e as classes sociais, da mesma forma que aí se movem as organizações multilaterais e as corporações transnacionais.

Não se trata de negar a vigência do Estado-nação, assim como do grupo social, classe social, partido político, movimento social. Tanto o indivíduo como a coletividade, assim como a nação e a nacionalidade continuam ativos, presentes e decisivos. Mas todos estão inseridos no âmbito do globalismo, adquirindo significados e possibilidades no âmbito das configurações e dos movimentos da sociedade global. Nesse sentido é que a sociedade global é o novo palco da história, das realizações e lutas sociais, das articulações e contradições que movimentam uns e outros: indivíduos e coletividades, nações e nacionalidades.

Sim, o globalismo é uma totalidade histórica e teórica, no âmbito da qual se movem tanto o nacionalismo como o imperialismo. Desde que se forma a sociedade global, com base na globalização do capitalismo, o globalismo se revela uma surpreendente nebulosa, ou constelação, no âmbito da qual tanto se desenvolvem as lutas sociais como se revelam alguns perfis e algumas possibilidades da humanidade. Esse é o momento em que se pode começar a falar em história universal, não mais apenas como metáfora. Desde os horizontes abertos pelo globalismo, são outras e novas as possibilidades e as impossibilidades de integração e fragmentação, de soberania e hegemonia ou de alienação e emancipação.